

<b>Dono de Obra:</b>	Presidência do Governo Regional – Direcção Regional da Cultura
<b>Localização:</b>	Horta – Faial - Açores
<b>Data do projecto:</b>	2010
<b>Data da obra:</b>	2010 - 2011
<b>Área de Construção:</b>	1350 m <sup>2</sup>
<b>Arquitectura:</b>	RPAR Arquitectos Rui Pinto
<b>Fundações e Estruturas:</b>	
<b>Projecto:</b>	Miguel Villar, Eng.º Sérgio Mártires, Eng.º João Coelho, Eng.º
<b>Desenho:</b>	Luís Abrantes Belarmino Garcia



## 1. Descrição

O edifício, propriedade do Estado Português, através da Direcção Regional da Cultura sob a égide da Presidência do Governo Regional, encerra uma memória de inegável valor para a história do País, nele tendo nascido e vivido Manuel José de Arriaga Brum da Silveira, Primeiro Presidente da República Portuguesa.

A remodelação e ampliação do referido edifício pretende reconvertê-lo em Museu e Espaço Lúdico, constituindo um marco das Comemorações do Centenário da República Portuguesa.

As soluções apresentadas para a remodelação e ampliação do edifício apontaram para o uso de materiais e processos tradicionais neste tipo de intervenções, de acordo com as normas de boa prática de construção.

## 2. Aspectos Particulares

### 2.1. Caracterização da Estrutura Existente

O estado do edifício era de completo abandono e, em largas áreas, de pré-ruína ou ruína total. As coberturas não existiam, desapareceram paredes interiores e de fachada, seja por acção dos sismos, seja por degradação dos seus materiais constituintes, não existem quaisquer vestígios de pavimentos e os madeiramentos, usados essencialmente na formação de padieiras e aduelas de vãos, encontravam-se irrecuperavelmente deteriorados. Por outro lado, o uso que foi sendo feito de todo o imóvel, sem regra ou controlo, e o crescimento da cidade em redor, conduziram à total descaracterização do lote. São visíveis novas construções, pequenos anexos de apoio a quem fez uso dos terrenos e pequenas intervenções sem outro critério que não fosse o de aproveitamento do espaço já edificado.

Do que se conseguiu identificar da construção original, restavam parte da fachada principal virada a nascente (cremos que a sua configuração deveria ir para além da Rua do Arco, a norte, formando uma simetria de alçado com o corpo a



Fig. 1 Vista do Edifício antes da intervenção

sul) e parte da empena a norte (ao longo da Rua do Arco). Restavam depois as paredes da fachada para o interior do lote de um acrescento posterior e um pequeno anexo a sul. Este último, no entanto, encontrava-se em precárias condições de estabilidade, com as paredes a apresentarem anomalias típicas de rotura por acção de forças horizontais violentas (fendilhação de grande abertura e deformação para fora do seu plano).

Mais por razões icónicas e de consolidação urbanística, do que pela qualidade dos materiais, foi preservada a fachada e empena para os arruamentos. Por razões formais, de unidade volumétrica, e como memória da própria casa, foi igualmente recuperada a fachada para o interior, da construção posterior.



Fig. 2 Vista do Edifício antes da intervenção e sua envolvente

## 2.2. Caracterização da Intervenção Proposta

O edifício, com um piso semi enterrado (de cota com o arruamento a nascente), um piso térreo (de cota com o jardim exterior) e um piso elevado, mantém a volumetria próxima daquela que se conhece do imóvel, possível de identificar através do arquivo fotográfico recolhido.

Daqui resulta uma configuração em planta em forma de L, com 21 m ao longo da sua fachada a norte e 22 m ao longo da fachada nascente. Volumetricamente, teremos um corpo de dois pisos e seis metros de profundidade a nascente, com uma cobertura de uma única água inclinada para a fachada; um outro, a sul deste, de igual número de pisos, igual profundidade e 6 m de frente, encimado por uma cobertura de quatro águas; um terceiro volume, logo a poente do primeiro, de 16 m de largura, 4.5 m de profundidade, três pisos e cobertura de uma única água, quase plana; um quarto, de planta mais quadrada, de 11 m por 10 m, a poente do terceiro, de dois pisos e cobertura plana; e um quinto e último, também a poente do terceiro e a par do quarto, com 6 m de largura, 21 m de comprimento e um único piso.

Desses cinco volumes, os quatro primeiros possuem o seu primeiro piso semi-enterrado, ou seja e como referido, ao nível do arruamento a nascente (9.82 no limpo). O quinto volume tem o seu piso térreo sensivelmente à cota do jardim interior ao lote (12.78), nível este que é comum com o primeiro piso elevado dos restantes volumes. O segundo piso elevado encontra-se à cota 17.31 e a cobertura deste à cota 21.

No piso 1 localizam-se as salas de exposição temporárias (integradas no primeiro e terceiro volumes atrás descritos), as áreas técnicas (no segundo) e as I.S. (no quarto). No piso 2 teremos salas de exposição fixas (a nascente), salas de reuniões e copa, a meio (integrada no terceiro volume) e a sala Polivalente/ Conferências (no quarto) e o Foyer/ Leitura, Recepção e Biblioteca (no quinto volume).

A poente de todo este conjunto e dele separado pelo Pátio de Chegada, existe ainda um edifício isolado com 10m por 6m, onde funcionará a oficina de museografia e a apoio de jardim.

Tendo em conta o actual estado de degradação das construções existentes, praticamente limitado a algumas paredes de fachada, o edifício a construir será essencialmente novo no seu interior. A fachada nascente e a fachada norte, e mesmo parte da fachada sul foram conservadas e reforçadas pelo interior e exterior com rebocos armados, servindo de apoio a pavimentos e coberturas ligeiras de madeira, a edificar no seu interior.

A estrutura nova, que não descarrega em paredes existentes, é constituída por pórticos e pavimentos de betão armado.

Relativamente às coberturas apresentam-se soluções em betão armado, aço e madeira.



Fig. 3 Betonagem da Laje Térrea



Fig. 4 Impermeabilização das paredes exteriores enterradas



Fig. 5 Consolidação de troço de parede a manter



Fig. 6 Execução de Fundações



Fig. 7 Tecto do Piso 0



Fig. 8 Panorâmica da Empreitada